

ENSINO DE HISTÓRIA E QUESTÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS.ⁱ

Juliana de Almeida Aguiar Silvaⁱⁱ

RESUMO: A assertiva discursiva sobre gênero, nos meios acadêmicos e principalmente na sociedade, e que se reproduz nos meios escolares de 1º e 2º graus, mostra-se problemática. Essa pesquisa propõe a analisar esses discursos de gênero nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2013, e as diversas formas de definição dos papéis sexuais nas práticas educacionais. Para tanto, estabelece uma comparação entre as orientações a respeito de gênero apresentadas pelos PCNs de História e as práticas escolares, centradas nas diversas maneiras de abordagem do tema nos livros didáticos. Entre os livros didáticos aprovados pelo MEC, destacaram-se quatro que compõem a coleção Para Viver Juntos (Ensino Fundamental), esta coleção é composta por autoras e está citada no PNLD, com relação à temática de gênero, pois aborda de forma positiva este tema segundo o PNLD.

PAVAVRAS-CHAVE: Ensino, História, Gênero, Livro didático.

1 - INTRODUÇÃO

Os motivos principais para a realização deste trabalho foi a curiosidade após a análise da lista de livros de História do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) 2013, constatando que os mesmos seguiam as orientações dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) de História e de Orientação Sexual. Alguns desses livros foram inovadores na abordagem da temática Gênero, compreendida como:

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. (PCN/Temas Transversais. 1998)ⁱⁱⁱ.

E especificamente a temática de “Gênero” que para Joan Scott: “a categoria Gênero, se proponha, para a análise histórica pretende compreender e explicar significativamente o caráter relacional, transversal e variável dessa categoria analítica. Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança.” (SCOTT, 1992). E o material analisado que serão os livros que constam no PNLD 2013, segue a definição do mesmo sobre gênero.

A partir dos PCNs busca-se compreender as diversas formas de expressão desse conceito, como no uso de imagens na sala de aula, nas relações do cotidiano escolar através da observação e entrevistas, para cruzar todas essas informações com as construções dos livros didáticos adotados no Colégio Estadual Governador Valadares para a análise desse trabalho^{iv}.

Entre os diversos instrumentos didáticos usados em sala de aula, o livro didático tem um papel importante na definição dos papéis sociais e em particular, das questões de gênero, relacionando com outros campos como: etnia, classe, nacionalidade, religiosidade, etc. Muitas vezes o livro didático é só mais um instrumento a ser usado na sala de aula, mas em outros casos, se apresenta como único material possível de ser trabalhado na escola, como se faz o caso da atuação do PIBID na escola que estamos atuando. Em algumas escolas o planejamento anual das aulas do professor de História é feito a partir dos conteúdos presentes em um determinado livro didático, e os alunos/as nem sempre se atrevem a contestá-lo, práticas constatadas até em alguns professores. Analisar o livro didático seria repensar o seu papel atual em diferentes contextos e construções:

...têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres... A ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, o cruzamento das fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados. (LOURO, p. 70, 2008)

Objetivamos entender através dos livros didáticos os discursos científicos que se apresentam, no mesmo, sobre a questão de gênero e aos novos arranjos que eles, os livros didáticos, estão ignorando. Estudar como se daria a prática de professoras e professores nas salas de aula, ao abordar estes discursos; e a inserção de alguns debates no que diz respeito à quebra de preconceitos com relação a gênero, e que desponta alguns vieses nas discussões de pluralidade; compreendendo o respaldo social destas ações que compõem o cotidiano. E, explicitar, de modo crítico, a inserção das mulheres nas práticas historiográficas acometidas nos livros didáticos, pretendendo, contribuir para a ampliação dos estudos que envolvem a análise do livro didático, ensino de história e gênero; e fomentar as práticas sociais através dos debates, embasados nos trabalhos acadêmicos sobre o assunto livro didáticos e gênero, já

que os mesmo, pelo menos no campo discursivo já se mostram consolidados com relação a importância do tema.

Considerando o livro didático como uma contribuição para a construção do estudante como sujeito social, Décio Gatti Júnior (2004) sistematiza o pensamento de diversos autores sobre o tema, afirmando que o mesmo tem uma conceituação variada e complexa, sendo tomados simultaneamente como:

material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação; materiais caracterizados pela seriação dos conteúdos; mercadoria; depósito de conteúdos educacionais; instrumento pedagógico; portador de um sistema de valores; suportes na formulação de uma História Nacional; fontes de registro de experiências e de relações pedagógicas ligados a políticas pedagógicas da época; e ainda como material reveladores de ângulos do cotidiano escolar e do fazer-se da cultura nacional. (BITTEENCOURT, 1993, p.3; CARVALHO, L. I., 1991, p. 17-18; CARVALHO, A. M. M., 1992, p.3; OLIVEIRA ET al., 1984, p. 11; MUNAKATA, 1994, p.12.” apud GATTI, p.35) ^v

Gatti Júnior analisa ainda a competência do livro didático em relação à desconstrução das desigualdades no espaço escolar e a luz de estudos sobre pluralidade.

2 – ESTUDOS DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Entende-se que a inserção da temática transversal de gênero no processo de escolarização é mais do que necessário para se discutir o respeito à diversidade cultural e violência contra mulheres no Brasil. Para Guacira Lopes Lauro (1995, p.124): “história da educação na perspectiva do gênero é mais do que uma opção teórica ou pedagógica; é uma opção política”.

As questões de gênero dos PCNs de Orientação Sexual aparecem associadas a temas de saúde pública ou outros inerentes à vida. A educação sexual privilegia assuntos relativos à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como Aids e hepatites, ou trata da gravidez precoce entre crianças e adolescentes. Desse modo, a questão de gênero é tratada de forma difusa nos PCNs, no entanto, apesar da iniciativa ser boa e representar um avanço para a educação brasileira, não se percebe tão claramente a quebra de preconceitos das construções sociais entre os/as estudantes.

Como se dá a desconstrução de papéis socialmente estabelecidos nas práticas escolares através dos livros didáticos? E na história de homens e mulheres? Como tornar comuns atitudes de mulheres tidas como transgressoras? As mulheres, a nosso ver, devem ser colocadas como agentes construtoras da história com ações, participações direto-concretas nas práticas cotidianas, e no fazer história. E não devem aceitar que a sua história de luta sejam relegadas a apêndices de livros, com aparição em verbetes, boxes, anexos, quadros informativos descolados de contextos históricos mais amplos.

Sendo assim, como se deu a análise do Livro Didático?

É feita uma análise na bibliografia se traz referência sobre o assunto “Gênero ou mesmo História das Mulheres”, assim é construído uma tabela (ANEXO 1) que irá analisar os discursos no tocante à participação e representação social e histórico ocupada pelas mulheres na história. Deu-se preferência aos capítulos contemporâneos, a partir do século XX, visibilizando os anos 60 por já existir uma discussão acerca do assunto. Logo após de confirmado o livro na lista de aprovados pelo PNLD - Anos Iniciais do Ensino Fundamental, através da “Ficha de Avaliação” em que consta que no bloco 4 “Observância de Princípios Éticos Necessários a Construção da Cidadania e ao Convívio Social Republicano” nos critérios de “Desenvolvimento e Ações Positivas a Cidadania” no tópico 52: Aborda a temática de gênero e da não violência visando à construção de uma sociedade não sexista, justa e igualitária, inclusive no que diz respeito ao combate à homofobia; nos é apresentado nos livros didáticos aprovados de acordo como os PCN’s, na lista do PNLD 2013 do Governo Federal.

Citando um exemplo do livro didático aqui analisado, do 9º ano, do capítulo 4 “O Mundo Dividido” do tópico “A Descolonização da África e da Ásia” no pag. 104, os autores mostram uma imagem de uma mulher negra durante o *Apartheid* na África do Sul que consta na descrição “ *Cabia às mulheres negras limpar banheiros reservados somente aos brancos. Johannesburgo, África do Sul, 1985.*”^{vi} Além da reprodução da imagem relegar ao papel social de submissão pelas divisões de funções pré-estabelecidas de trabalho, coloca a mulher negra da África do Sul sem nenhuma participação efetiva na luta pela conquista do fim do *Apartheid* quando no texto não é apresentado referência a essas mulheres e em que estão implícitos resquícios de pressupostos teóricos defasados.

A fazer observância que essa participação no livro se fez de uma imagem dentro de um boxê.

Para frisar o reforço que se tem no livro didático que aqui analisamos, e que muitos casos são tidos como verdades absolutas na formação do estudante como cidadão, citamos nesse mesmo livro, o que eles nos trazem para a construção desse mesmas/mesmos cidadãs/cidadãos, só que o assunto seguinte faz alusão ao capítulo 5 “Movimento Contra os Costumes nos Anos 1960”, em um tópico que vem separando-o do resto do texto que discorre sobre todo o Movimento Feminista diz:

“Feminismo: A luta pelos direitos das mulheres civis nos anos 1960 incluíram os direitos das mulheres. O movimento feminista, que no início do século XX lutara pelo direito ao voto para as mulheres, reivindicava agora a igualdade das mulheres em relação aos homens em todos os setores da vida social: no trabalho, na vida conjugal, na liberdade de escolha sobre ter ou não filhos.” (MOTOOKA e REIS, p.125)

Ao lado do pequeno texto, existe uma foto de uma modelo inglesa de 1966 que diz “A modelo inglesa Twiggy, ícone dos anos 1960, ganhou esse apelido por ser muito magra. Twig, em inglês, significa graveto. Nessa fotografia, de 1966, ela usa um minivestido, audacioso para a época.” (pág. 125).

As conclusões a ser tirada no tocante a ligação da imagem a referência do texto contradiz o que as mulheres querem à época, resumindo-as suas lutas políticas e sociais aos seus vestidos curtos. O livro não se propõe a uma história temática e quando o faz não dá a devida importância aos assuntos abordados. Por se propor a uma história linear essas mulheres deveriam no mínimo estar diluídas no Movimento de Contracultura como um todo, pela luta pelo aborto, da igualdade de gênero também defendida por alguns homens quando deixavam seus cabelos compridos. Assim se reproduz discursos prontos que se mostram fáceis de generalizações e resumos, para legitimar atitudes pregadas até nos dias atuais. Além de mais uma vez ser relegada a uma imagem e a discussão acerca das mulheres ficar presa a descrição da mesma.

Já no capítulo 6 “A América Latina na Guerra Fria” no tópico 4 “As Ditaduras Militares na América do Sul” quando os autores se referem a Ditadura na Argentina, consta mais uma vez somente em uma foto, sobre “Os Desaparecidos” e o Movimento “Mães da Praça de Maio”, página 181, em que se faz de grande relevância e boa iniciativa, mostra essas mulheres independentes do Estado pra terem uma resposta sobre o desaparecimento dos seus

esposos, filhos e filhas, netas(os) e irem a luta. Mas o texto sobre elas e seu movimento se mostra reduzido no que traz vida ao movimento que prossegue até os dias atuais.

3 – CONCLUSÃO

Os livros didáticos apresentados não estão pautados por uma discussão real sobre gênero nos livros de história, discussões essas já debatidas na academia e que se apresentam enfadonhos através das práticas vistas nas salas de aula, através dos livros didáticos.

Assim não abarca as práticas historiográficas onde a mulher é parte constituinte desse processo, como formadora - compositora da história.

A análise perpassa o foco inicial dos discursos historiográficos, adentrado a análise da linguagem que nesse caso se faz direcionar para o masculino, discute também as imagens, pinturas, desenhos e fotos apresentadas nos livros, em sua maioria é composta por figuras masculinas e quando abordam a mulher estão relegadas a papéis socialmente construídos ou divisões de trabalho tão bem construídas ao longo da história. Mesmo quando essa mulher nos é apresentada com ênfase, elas são os grandes nomes e ícones da história; não venho colocar que não é importante consta o nome dessas mulheres, quero colocar como as meninas no Brasil dentro das salas de aula das escolas públicas e que em sua maioria são negras e pobres irão se ver como parte constituinte da história ou mesmo de que forma construtora de uma mudança em suas realidades.

Com isso a prática que deveria unir sociedade e universidade no campo da história fica a mercê de construções normalizadoras em que o masculino é predominante e assim tenta fixar esses discursos da sociedade atual através de justificativas de práticas discursivas que são apresentadas na história.

Podemos perceber os respaldos no cotidiano, de ações preconceituosas, valores, nas salas de aula, na própria escola nos corredores na hora do intervalo, de ações legitimadoras que nos são apresentadas na história; há não bastar nas novelas, na televisão, nas relações hierárquicas na família, na rua. Será que precisamos apresentar na escola dentro das salas de aula através dos livros didáticos os mesmos valores? Com isso refletir...

ANEXO

TABELA PARA ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO

Imagem, Ilustração, Pintura, Desenho ou Foto	Descrição do texto da Imagem ou conteúdos relacionados	Assinale com um x na opção correspondente ou que se aproxima:			
		Presença de figuras femininas relegadas ao anexo, boxes,...	Presença de discursos normalizados dos papéis definidos	Discursos/Linguagem somente relacionadas aos homens	Capítulo e nº da página
Total					

ⁱ Trabalho em andamento.

ⁱⁱ graduanda do curso Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Célia Costa Cardoso, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID /CAPES. E-mail: juliana.almeidaaguiar@gmail.com.

ⁱⁱⁱ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

^{iv} Rua General Joaquim Inácio, nº 2; Bairro 18 do Forte; CEP: 49.072-290; Aracaju – SE.

^v GATTI JR., Décio. A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.252p. Coleção Educar.

^{vi} MOOTOKA, Débora Yumi. Reis, Anderson Roberti dos. Para Viver Juntos: história, 9º ano: ensino fundamental / 1. Ed. rev. – São Paulo: Edições SM, 2009.